



CALÍOPE

Presença Clássica

Dossiê sobre Xenofonte (separata 10)

2021.1 . Ano XXXVIII . Número 41

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Dossiê sobre Xenofonte
(separata 10)

organizadores do dossiê:
Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarezuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Esttua de Xenofonte em frente ao parlamento austracio em Viena.

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção

REVISÃO DE TEXTO
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Pedro Proscurcin Junior | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduaao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Três vidas felizes na *Ciropédia*, de Xenofonte

Lucia Sano

RESUMO

Apresentamos, precedida de brevíssima discussão introdutória, a tradução de passagens selecionadas da *Ciropédia* de Xenofonte, que têm como tema a vida feliz (*eudaimonía*). São três vidas distintamente afortunadas retratadas por Xenofonte: a do rei lídio Creso (VII, 2.9-20), a do persa Feraulas (VIII, 3.35-50) e, finalmente, a de Ciro, o Grande (VIII, 7).

PALAVRAS-CHAVE

Xenofonte; *Ciropédia*; tradução; *eudaimonía*; felicidade.

SUBMISSÃO 22.10.2020 | APROVAÇÃO 12.11.2020 | PUBLICAÇÃO 2.9.2021

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i41.39132>

INTRODUÇÃO

A

presentamos aqui a tradução de três passagens da *Ciropédia*¹ que estão centradas na *eudaimonía*, tema fundamental para o pensamento ético e político² da Grécia Clássica. São três momentos em que diferentes personagens importantes na narrativa falam de si próprios como homens felizes: o rei Cresos, da Lídia; Feraulas, um persa pobre que ascende à posição de grande confiança de Ciro; e, por fim, o próprio imperador persa, em seu leito de morte. O que constitui uma vida feliz? Ora, essa questão na obra que procura representar Ciro, o Grande, como um líder ideal por sua excelência militar, capacidade de conquistar obediência voluntária e de assegurar estabilidade política,³ deve ser ponderada a partir da figura do próprio imperador.

A primeira passagem apresentada é uma versão xenofontiana do famoso episódio do diálogo entre Sólon e Cresos em Heródoto (I, 30-33),⁴ que acaba por inserir elementos também do encontro entre Cresos e Ciro nas *Histórias* (I, 86-91), conforme bem demonstrou Lefèvre.⁵ Na conversa entre o sábio ateniense e o próspero rei lídio, temos o célebre discurso de Sólon sobre a felicidade: para ele, o homem mais feliz que conheceu, o ateniense Telo (I, 30.4-5), teve uma vida sem privações, filhos e netos saudáveis e morreu de forma gloriosa ao enfrentar inimigos, sem sofrer um reverso de fortuna. O segundo exemplo apresentado é o dos irmãos argivos Cleóbis e Biton (I, 31.1-5), cujos bens eram modestos, mas suficientes, e que morreram jovens no auge da sua fama, após realizarem o feito de transportar sua mãe até o templo de Hera fazendo as vezes dos animais de carga. Está claro na fala de Sólon que ele ressalta, para um descontente Cresos, orgulhoso de seu próprio poder, a instabilidade da vida humana e o imperativo de aguardar até a morte de um homem para que seja possível declará-lo feliz.

Em Xenofonte, Sólon está ausente, e Ciro acaba, de certa forma, ocupando seu papel. Temos o encontro dos dois

personagens (VII, 2.9-20) quando o persa toma a cidade de Sárdis e derrota Creso, que estava no comando de forças aliadas, reunidas inicialmente pelo rei assírio. Essa é uma vitória fundamental na ascensão de Ciro a governante do maior império até então visto. Quando Ciro pergunta a Creso sobre sua reverência a Apolo (VII, 2.15) na *Ciropédia*, ele o faz insinuando tratar-se de uma história conhecida e é possível supor que o autor estivesse, aqui, chamando a atenção para sua dívida com Heródoto no desenrolar do episódio, ainda que a conversa entre os dois ocorra num contexto bastante diverso do herodoteano.

Nas *Histórias*, explica-se como Creso havia interpretado mal um oráculo de Apolo, que havia o alertado de que ele destruiria um grande império caso entrasse em campanha contra os persas (I, 53.3), sem perceber que o deus lhe falava do seu próprio, não de outro. Esse elemento de incompreensão da palavra divina é mantido na *Ciropédia*, mas Creso relata como o oráculo havia lhe indicado o conhecimento de si mesmo como caminho para felicidade e como ele havia falhado em perceber a complexidade da tarefa, tendo então decidido fazer frente a Ciro, um homem divino, de longa tradição real e que praticava a virtude desde a infância, muito superior a ele mesmo.

Sugere-se que Creso procura agir nessa passagem, desde o início, de forma ardilosa e manipuladora ao bajular Ciro, saudando-o como “meu senhor” e colocando-se no lugar de seu servo, algo que Ciro rejeita.⁶ Creso, contudo, não está errado, de forma alguma, em apontar as desvantagens de saquear a cidade de Sárdis⁷ e em afirmar que é Ciro quem detém o poder de decidir se ele terá ou não a possibilidade de ainda vir a ter uma vida feliz. A resposta que ele ouve é dada após ponderação; o persa decide restituir-lhe sua antiga vida, ao lado da sua família e com os seus servos, mas proíbe que ele participe de guerras e batalhas, algo que talvez reflita acontecimentos históricos, pois há indícios de que o rei lídio teria recebido autorização de manter o seu governo.⁸ A reação de Creso é curiosa, pois afirma que será feliz se Ciro cumprir com sua palavra e que passará a ter uma vida que “outros homens” julgaram feliz e que ele mesmo havia dado à pessoa que

mais amava: sua própria esposa, indicando que se tratava de uma vida de luxos e alegrias, isenta de preocupações.

Como entender essa declaração de Cresos? Talvez haja duas possibilidades mais claras: uma é que se trata de uma passagem irônica, e o entendimento do rei lídio sobre a felicidade é algo a ser visto como tolo e vicioso.⁹ Tatum¹⁰ sugere que ela deva ser interpretada à luz da representação do Vício (*Kakía*) no famoso mito de Pródico de Ceos, registrado nos *Memoráveis* (II, 1.21-26), em que o jovem Hércules deve escolher entre o Vício e a Virtude, personificados em figuras femininas. Uma vida cheia de prazeres e sem preocupações é basicamente o que o Vício promete a Hércules, afirmando que “os amigos me chamam de Felicidade (*Eudaimonía*), mas os que me odeiam me chamam pelo apelido Vício (*Kakía*)” (II, 1.26). Por outro lado, Lefèvre¹¹ argumenta que, embora a felicidade de Cresos seja sem dúvida inferior à de Ciro, ela é apropriada para ele, um homem que se reconhece também inferior em nascimento e em educação. Gray¹² defende, ainda, que o tipo de felicidade vislumbrada por Cresos não se contrapõe ao que o autor dos *Memoráveis* entende por *eudaimonía* e pode ser vista como até mesmo socrática, uma vez que conhecer a si mesmo equivale a conhecer até onde vai a sua própria capacidade.

Em certa medida, a vida que o lídio passa a ter é uma semelhante à vida que Ciro oferecerá ao seu filho mais novo em seu leito de morte, momento em que insiste que não estar no governo do império, o que cabia ao primogênito, significaria que o filho mais novo teria menos empecilhos à felicidade (VIII, 7.11-13). A vida que o futuro imperador persa permite a Cresos, nesse sentido, seria adequada para o homem que ele é e não o diminuiria. Há certa diferença entre cair nas mãos desse Ciro benevolente e nas de Heródoto, que havia procurado primeiramente queimar vivo Cresos numa pira logo depois de o ter derrotado. Essa benevolência, porém, deve ser interpretada a partir do entendimento de Ciro do que, para ele, constitui felicidade, como fica claro na sequência.

O desconhecimento de si mesmo nesse episódio ainda está conjugado, como bem notou Gray,¹³ como o dos homens com

quem Cresos se associou e que o convenceram de que ele seria capaz de algo que na verdade não era realizável. A queda de Cresos acentua, portanto, a qualidade da liderança de Ciro, que, percebendo suas próprias limitações, entende necessitar dos melhores aliados e, por isso, trata de os tornar felizes e de aprimorar as suas capacidades: a *eudaimonía* de um envolve, necessariamente, não só o conhecimento de si, mas dos outros, bem como a procura de coisas boas igualmente para si e para os outros.¹⁴

Podemos, também, observar isso no segundo episódio aqui traduzido (VIII, 3.35-50), aquele que envolve a discussão entre Feraulas, homem de confiança de Ciro, e o jovem saca, sobre o que é felicidade para cada um deles. Quando Ciro se estabelece definitivamente como imperador, com residência na Babilônia, percebe a importância de fazer a exibição pública do seu poder e sua riqueza, saindo em procissão do palácio acompanhado de suas tropas e rodeado dos homens de sua corte, embelezados com joias e maquiagens e vestidos magnificamente (VIII, 3). Fica claro, a partir desse evento, a que ponto Feraulas, um persa pobre, tinha conseguido ascender na consideração do imperador, pois Ciro o torna responsável por boa parte da sua organização. Ao propor uma corrida entre cavaleiros, um rapaz da Sácia acaba derrotando seus compatriotas ilustres. Ciro lhe oferece seu reino em troca do cavalo, mas o rapaz diz querer a gratidão de um homem nobre em troca do animal (VIII, 3.26). Ciro sugere, então, que ele atire, de olhos fechados, um torrão de terra na direção de seus amigos e aquele que fosse aleatoriamente atingido seria o novo dono do cavalo. O rapaz saca acerta Feraulas, que sequer se volta para saber quem o havia atingido, mas prossegue cavalgando para cumprir uma tarefa designada a ele (VIII, 3.28).

No posterior encontro entre os dois, o saca não deixa de expressar sua admiração pela riqueza de Feraulas, toda ela constituída de presentes de Ciro; o próprio persa, por sua vez, se queixa, afirmando que ela apenas lhe traz mais problemas do que quando ele era pobre. A solução que encontram acaba por assegurar a felicidade de ambos: o saca viveria na riqueza de

Feraulas, a administraria como se fosse dele e tornaria Feraulas um hóspede em sua própria casa, assim lhe garantindo mais tempo livre para se dedicar a Ciro e aos outros homens.

Ora, o que vemos nessa passagem é Feraulas reproduzir, ainda que em menor escala, a própria concepção de felicidade de Ciro,¹⁵ pelo menos a primeira delas, que é – mais uma vez – introduzida num diálogo com Creso. Na Babilônia, Ciro mostrava-se generoso com os homens a sua volta, numa generosidade que não era ingênua, mas calculada tanto para atribuir estima e mérito, quanto para assegurar a felicidade e lealdade das cidades e dos homens sob seu comando (VIII, 2.14). Ao observar a distribuição pródiga de bens que era realizada pelo persa, Creso pensa ser uma boa ideia alertá-lo de que perigava se tornar pobre se não estocasse sua riqueza, ao invés de partilhá-la. Ciro, então, demonstra que sua atitude é bem pensada ao pedir que um de seus homens visite os seus amigos avisando que ele tinha necessidade de ouro e solicitando que informassem com quanto poderiam contribuir. O resultado foi que a soma das quantidades declaradas era muitas vezes maior do que aquela que Creso havia imaginado que Ciro teria sido capaz de guardar, se tivesse desde sempre mantido seus bens para si (VIII, 2.15-18). A lição só se completa, porém, quando Creso ouve a explicação de Ciro: ao saber que possui mais do que precisa, ele usa o excesso para enriquecer e prestar favores a outros homens, assim conquistando sua amizade e boa vontade e, junto com elas, sua própria segurança e glória. “Aquele que é capaz de obter o máximo de riquezas de forma justa e de fazer uso delas de forma nobre, esse é o homem que eu julgo ser o mais feliz”, conclui ele (VIII, 2.23).

Feraulas é uma peça importante na ideologia meritocrática de Ciro e da *Ciropédia* e, como observa Henderson,¹⁶ ganha seu próprio episódio para demonstrar o que ele entende como recompensa para si mesmo, sem que essa opinião ganhe narrativamente um selo de aprovação do imperador. A riqueza de Feraulas era oriunda dessa mesma distribuição de excesso de bens realizada por Ciro e que ele justifica na passagem acima. Se Feraulas o emula ao se livrar do que considerava demasiado, sendo

capaz, além disso, de tornar outra pessoa feliz no processo, é porque sua própria felicidade reside alhures: no prazer de ser útil aos outros – a *Ciro*, sobretudo.

A última das cenas da *Cirospédia* aqui traduzidas é a da morte do próprio *Ciro* (VIII, 7). A cena guarda semelhanças com o relato da morte de Sócrates da forma feita por Platão e pelo próprio Xenofonte,¹⁷ leva em conta as fontes persas sobre o evento e conclui nos termos do discurso de Sólon em Heródoto a vida de um homem feliz. O episódio como descrito por Xenofonte é bastante diferente da versão da morte do persa registrada pelo historiador de Halicarnasso, em que ele tem um fim sangrento, derrotado pela rainha dos Massagetas.¹⁸ Ao contrário, o *Ciro* de Xenofonte tem uma visão enquanto dorme no palácio em uma visita a sua nativa Pérsia e compreende que sua morte está próxima, o que lhe permite refletir sobre sua vida e dar as últimas instruções a seus filhos.

Ao chegar ao fim da vida, lhe é permitido, finalmente, como postulava Sólon, declarar-se, com justiça, um homem feliz. *Ciro* afirma que é assim que deve ser lembrado e aponta os motivos para isso: ele havia sempre desfrutado de coisas boas, nunca teve um reverso na ascensão e manutenção do seu poder, enriqueceu companheiros e escravizou inimigos, estava deixando felizes seus amigos e seu país; quanto aos seus filhos, eles estavam vivos (VIII, 7.6-9).

Ciro, porém, também sente ser necessário tratar, no seu leito de morte, da questão da sucessão do trono. Em sua fala, transparece uma ansiedade que torna difícil interpretar esse momento como um de serenidade. Tatum¹⁹ afirma que *Ciro* pressente que o maior perigo para estabilidade da Pérsia viria da sua própria família. O persa aponta, como consolando o seu filho mais jovem, aspectos negativos de ser seu sucessor ao trono, os quais dificultariam seu acesso à felicidade: a ambição, a ânsia de sair da sombra do próprio pai, as preocupações e as conspirações – que o rei só seria capaz de superar, *Ciro* insistia, com ajuda de amigos fiéis, o que deveria ter início na própria relação fraterna. Essa fala também tem, talvez, a função ajudar a tirar de *Ciro*, o

Grande, a responsabilidade pelo declínio do império persa, que tem início logo após a sua morte, conforme o relatado no capítulo final do livro (VIII, 8).²⁰

TRADUÇÃO

CRESO (VII, 2.9-20)

9 Depois de concluir essas determinações, deu ordens para que Creso fosse trazido até ele. Este, ao ver Ciro, falou: “Eu o saúdo, meu senhor, pois o destino lhe concede a partir de agora que você detenha esse título e a mim, que me dirija a você por ele”.

10 “E eu a você, Creso, já que somos ambos humanos; mas, Creso, por acaso você estaria disposto a me dar alguns conselhos?”

“Certamente, Ciro”, ele respondeu, “gostaria de encontrar um bom conselho para você, pois imagino que isso seria bom também para mim”.

11 “Pois escute, Creso: vendo que meus soldados penaram muito, enfrentaram diversos perigos e agora julgam que estão em posse da cidade mais rica da Ásia, depois da Babilônia, penso ser apropriado que eles sejam recompensados, pois sei que não serei capaz de mantê-los obedientes por muito tempo caso eles não colham frutos dos seus esforços. Não desejo, no entanto, permitir que saqueiem a cidade, pois julgo que ela seria destruída e sei bem que, na pilhagem, os piores homens teriam o maior lucro”.

12 Ao ouvir isso, Creso respondeu: “Mas permita-me que eu diga aos lídios que consegui de você a garantia de que não se fará nenhuma pilhagem e que não se permitirá que mulheres e crianças sejam levadas; em troca disso que eu prometi que os lídios lhe entregariam, voluntariamente, tudo o que existe de belo e de valor na cidade de Sárdis.

13 “Após ouvirem essas palavras, tenho certeza de que chegará até você todo e qualquer belo item que possuam homens e mulheres; além disso, ano que vem, novamente, a cidade estará repleta de muitos belos produtos para você. Por outro lado, se

você a saquear, ficarão complementemente arruinados até mesmo os ofícios que dizem ser as fontes das coisas belas.

14 “Você ainda terá a possibilidade, depois de ver o que foi trazido até aqui, de tomar uma decisão sobre a pilhagem. Primeiro, envie alguém até os meus tesouros e deixe que os seus guardas recebam os bens dos meus guardas”. Ciro concordou em fazer tudo isso da forma como Creso havia sugerido.

15 “Mas não deixe de contar-me, Creso”, ele disse, “o que resultou das suas consultas ao oráculo de Delfos, pois dizem que Apolo é muito reverenciado por você e que tudo o que você faz é em obediência a ele”.

16 “Bem queria que as coisas fossem assim, Ciro”, ele respondeu, “mas logo de início aproximei-me de Apolo fazendo o oposto de tudo isso”.

“Como assim?”, indagou Ciro, “explique, pois você está dizendo algo muito estranho”.

17 “Em primeiro lugar, deixando de interrogar o deus sobre minhas necessidades, quis testar se ele era capaz de dizer a verdade. Mesmo homens belos e nobres — que dirá os deuses — quando percebem que são vistos com desconfiança não podem ter amor por aqueles que deles desconfiam.

18 “Ele, porém, sabia dos grandes absurdos que eu cometia e, embora estivesse distante de Delfos, enviei uma embaixada para consultá-lo sobre filhos.

19 “A princípio, ele sequer me deu resposta, mas quando consegui propiciá-lo — era o que parecia —, enviando-lhe muitas oferendas de ouro e de prata e vítimas sacrificiais variadas, então ele respondeu à minha pergunta sobre o que eu poderia fazer para ter filhos; disse que eles viriam.

20 “E vieram, de fato, pois nem nisso ele estava mentindo, mas, depois de nascidos, não me deram nenhuma alegria, pois um deles passa a vida até hoje como um mudo, enquanto o melhor deles foi morto no ápice da vida. Sentindo o peso das desgraças que envolviam meus filhos, mais uma vez enviei uma embaixada ao deus e lhe perguntei o que eu deveria fazer para passar o resto

da minha vida da forma mais feliz; e ele me respondeu: ‘Ao conhecer a si mesmo, Creso, você passará feliz pela vida’.

21 “Ao ouvir essa resposta, alegrei-me, pois julgava que, ao me designar a tarefa mais simples de todas, ele estava me concedendo a felicidade. Quanto aos demais homens, é possível conhecer alguns, outros não, mas eu julgava que qualquer um conhecesse a si mesmo, que todo homem soubesse quem ele próprio é.

22 “No período posterior a esse acontecimento, enquanto estive em paz, não tinha nenhum motivo para reclamar da minha sorte, após a morte de meu filho; mas quando fui convencido pelo rei assírio a entrar em campanha contra vocês, passei a correr todo tipo de perigo. Fui salvo, porém, sem sofrer nenhum mal, e também não responsabilizo o deus pelo que aconteceu, pois, uma vez que reconheci a mim mesmo como incapaz de lutar contra vocês, com ajuda do deus tanto eu quanto meus homens retiramo-nos.

23 “Agora, mais uma vez, mimado pela minha presente riqueza, por homens que pediam para que eu me tornasse seu líder, pelos presentes que me deram e por aqueles que me bajulavam, dizendo que todos me obedeceriam, caso eu desejasse comandá-los, e que eu me tornaria o mais poderoso dos homens, aceitei o comando do exército, presunçoso eu estava em razão dessas palavras, quando os reis ao meu redor me escolheram como seu líder na guerra — como se eu tivesse capacidade de me tornar o mais poderoso dos homens, desconhecendo a mim mesmo.

24 “Digo isso porque pensei que fosse capaz de fazer frente a você na guerra, a você que, em primeiro lugar, descende dos deuses e, em segundo lugar, de reis e que, além disso, pratica a virtude desde criança. O que ouço dos meus ancestrais é que o primeiro deles que se tornou rei se tornou, ao mesmo tempo, um homem livre. Sem tomar ciência desses fatos”, ele concluiu, “estou sendo punido com justiça.

25 “Mas agora, Ciro, conheço a mim mesmo. Você acha que Apolo ainda diz a verdade, que serei feliz ao conhecer a mim mesmo? Pergunto-lhe porque me parece que você é a melhor

pessoa para fazer esse julgamento na situação presente, pois é você quem tem o poder para isso”.

26 Ciro respondeu: “Deixe-me refletir sobre essa questão, Creso; pois ao pensar sobre sua felicidade pretérita, apiedou-me de você e lhe restituiu tanto a sua esposa quanto suas filhas (pois ouvi dizer que você tem algumas), bem como amigos e servos e a mesa que vocês usavam. Guerras e batalhas, por sua vez, eu proíbo a você”.

27 “Mas por Zeus!”, exclamou Creso, “Você não tem mais o que refletir sobre a minha felicidade! Posso eu mesmo agora lhe afirmar que, se você fizer essas coisas que está me dizendo, também eu levarei a vida que outros homens julgaram ser a mais feliz das existências, homens com os quais eu próprio estou de acordo”.

28 “Quem é que possui essa existência abençoada?”, indagou Ciro.

“A minha mulher, Ciro!”, ele respondeu, “Pois ela compartilha comigo de todos os bens, de todas as mordomias e alegrias, mas nunca tomou parte das preocupações sobre como conseguir essas coisas, fosse em guerra ou em batalha. Assim, creio realmente que você me coloca na mesma posição em que pus a pessoa que eu mais amava e que, por isso, devo a Apolo novas oferendas de agradecimento”.

29 Ao ouvir essas palavras, Ciro admirou-se com seu bom ânimo e, dali por diante, levou-o sempre para onde ele próprio estivesse indo, fosse porque julgava que ele pudesse ser útil de alguma forma, fosse porque considerava ser mais seguro agir assim.

FERAULAS (VIII, 3.35-50)

35 Feraulas convidou o saca, que havia lhe dado o cavalo, para sua casa, enchendo-lhe de cortesias diversas e, depois de terem jantado, encheu as taças que havia recebido de Ciro, bebeu a sua saúde e as deu de presente ao saca.

36 Já ele, ao observar a quantidade de belos leitos e a quantidade de belos móveis, assim como os muitos servos, perguntou: “Diga-me, Feraulas, também na sua casa você já era um dos homens ricos?”.

37 “Rico de que jeito? Eu era evidentemente um dos que vivem do trabalho de suas próprias mãos, pois foi com dificuldade que meu pai, trabalhando ele mesmo para me criar, pôde me dar a educação dos meninos.²¹ Uma vez que me tornei um rapaz, sem poder me manter ocioso, ele me levou para o campo e me mandou trabalhar.

38 “E ali, enquanto ele esteve vivo, eu, por minha vez, o sustentei cavando e plantando um lote bem pequeno de terra que, porém, não era ruim, mas bastante honesto; toda semente que recebia, ele devolvia de forma boa e honesta, sem grande lucro; houve uma ocasião em que, por generosidade, ele me retornou em dobro o que havia recebido. Era esse o tipo de vida que eu tinha em casa; tudo o que você está vendo agora foi Ciro quem me deu.”

39 “Que afortunado você é”, disse o saca, “por tudo, mas principalmente porque você se tornou rico tendo vindo da pobreza, pois, eu imagino, ser rico deve ser muito mais prazeroso agora por esse motivo, ter enriquecido depois de passar por necessidades”.

40 “Mas você está supondo assim, saca, que agora quanto mais bens eu possuo, mais prazerosa é a vida que levo?”, Feraulas retrucou. “Você então não sabe que bebo, como e durmo de forma nem um pouco mais prazerosa agora do que antes, quando eu era pobre? Esses muitos bens me dão apenas uma vantagem a mais, devo agora tomar conta de mais coisas, distribuir mais aos outros e me preocupar com mais problemas do que antes.

41 “Agora muitos são os servos que me pedem comida, muitos que pedem algo para beber, muitos que querem roupas; outros precisam de médicos; um chega aqui contando de uma ovelha destrozada por lobos ou de vacas que morreram ao rolarem um precipício abaixo ou então falando de uma doença que está abatendo os animais. Assim, acho que agora”, concluiu Feraulas,

“sofro mais por possuir muitos bens do que antes porque tinha poucos”.

42 “Mas, sim, por Zeus”, disse o saca, “quando tudo está a salvo, só de olhar para essas coisas você deve se divertir muitas vezes mais do que eu”.

“Ter dinheiro, saca, não é realmente tão prazeroso quanto é doloroso perdê-lo. Você verá que digo a verdade: ninguém que seja rico é forçado a ficar acordado porque se sente alegre, mas dentre aqueles que perdem alguma coisa você não verá ninguém capaz de dormir, em razão da dor que sentem.”

43 “Não, por Zeus”, retrucou Sacas, “mas em todo caso você também não veria o prazer dar sono em nenhum daqueles que ganham algum dinheiro”.

44 “É verdade o que você diz”, ele falou, “pois se ter posses fosse tão prazeroso quanto obtê-las, os ricos superariam em muito os pobres no que diz respeito à felicidade. Porém, saca, veja que necessariamente aquele que possui muito deve também gastar com os deuses, com os amigos e com seus hóspedes; e esteja certo de que aquele que se compraz intensamente com dinheiro também sofre intensamente ao ter que gastá-lo”.

45 “Sim, por Zeus”, disse o saca, “mas eu não sou um desses. Para mim, a felicidade é possuir muito e gastar muito!”.

46 “Pelos deuses! Por que então você não fica feliz de uma vez e me faz feliz também?”, perguntou Feraulas. “Pegue tudo o que tenho e use como bem entender! Quanto a mim, não é preciso que você faça nada além de me tratar como um hóspede; na verdade, gaste ainda menos dinheiro do que você gastaria com um hóspede, pois me basta compartilhar com você o que você tiver.”

47 “Você está de brincadeira!”, respondeu o saca, mas Feraulas jurou que estava falando a sério.

“E ainda outros favores vou obter junto a Ciro para você, que você não tenha que atender à corte nem sair em expedição com o exército, mas ficará apenas em casa com sua riqueza. Cumprirei com esses deveres por você e por mim e, caso eu receba algum bem a mais por ter prestado um serviço a Ciro ou em alguma campanha militar, trarei tudo até você, para que tenha

ainda mais sob suas ordens. Apenas deixe-me livre dessa responsabilidade. Se eu ganhar tempo ao me afastar disso tudo, creio que você será útil de muitas formas a Ciro e a mim mesmo.”

48 Depois de terem essa conversa, chegaram a um acordo e passaram à execução. Um julgava ter se tornado um homem feliz, porque estava em posse de muito dinheiro; o outro, por sua vez, julgava-se o mais feliz dos homens, porque tinha um administrador que lhe possibilitava ter tempo ocioso para fazer aquilo que lhe dava prazer.

49 Feraulas tinha um temperamento amigável e pensava que nada era mais prazeroso ou mais útil do que servir outras pessoas, pois considerava o homem a melhor de todas as criaturas e também a mais capaz de demonstrar gratidão, depois que percebera que as pessoas quando elogiadas retornam de boa vontade os elogios e que buscam ser agradáveis ao retribuir algo que lhes agradou; ao verem que os outros são bem-dispostos, elas são igualmente bem-dispostas e, quando constatarem que são amadas, não são capazes de odiar quem as ama; ele percebeu sobretudo que, de todas as criaturas, o homem é aquele que mais deseja retribuir o cuidado que seus pais lhe deram, tanto em vida quanto depois que eles morrem. No seu entendimento, todo o resto dos animais era mais ingrato e insensível.

50 Assim, Feraulas estava mais do que contente porque seria capaz de se livrar da responsabilidade de cuidar de todos os seus bens a fim de se dedicar aos seus amigos e o saca, por sua vez, porque estava prestes a ter muito dinheiro para gastar. O saca amava Feraulas porque ele trazia sempre algo a mais e este, por sua vez, amava o saca porque estava sempre disposto a receber tudo e, mesmo tendo cada vez mais responsabilidades, não lhe dava nenhuma preocupação a mais. Foi com esse arranjo, portanto, que eles passaram a viver.

CIRO (VIII, 7)

1 Tendo sua vida transcorrido dessa forma, Ciro, já um homem bastante idoso, foi à Pérsia pela sétima vez em seu reinado.

Tanto seu pai quanto sua mãe já haviam falecido há muito tempo, como era natural. Ciro realizou os sacrifícios costumeiros, conduziu a dança persa conforme os costumes ancestrais e distribuiu presentes a todos, como era seu hábito.

2 Ao dormir no palácio, teve uma visão durante um sonho: pareceu-lhe que uma figura que era mais do que um ser humano se aproximava e dizia: “Vá preparando a bagagem, Ciro, pois você em breve partirá para junto dos deuses”. Depois de ter essa visão no sonho, despertou e, nesse momento, parecia quase saber que o fim da sua vida estava próximo.

3 Então, foi imediatamente realizar sacrifícios a Zeus Ancestral, ao Sol e aos demais deuses nos cumes das montanhas, como fazem os persas, entoando a seguinte prece: “Zeus Ancestral, Sol e todos os deuses, recebam essas oferendas pelas minhas muitas e nobres realizações e como sinais da minha gratidão, porque vocês assinalaram a mim o que eu deveria e o que eu não deveria fazer, nas vítimas sacrificiais, em sinais no céu, nos voos dos pássaros e em palavras. Grande é a minha gratidão a vocês também porque sempre reconheci o seu cuidado comigo e nunca, em razão da minha boa fortuna, tive presunções para além do que é da natureza humana. Peço-lhes que concedam agora felicidade aos meus filhos, à minha esposa, aos meus amigos e a meu país; e a mim, um fim tal qual a vida que vocês me concederam”.

4 Depois de realizar os sacrifícios, ele voltou para casa e achou que descansar seria agradável, então se deitou. Quando chegou a hora do seu banho, os homens designados para a tarefa se aproximaram e lhe disseram para ir se banhar; mas ele respondeu que o descanso estava agradável. Por sua vez, na hora apropriada, os homens que tinham a tarefa de lhe servir puseram a mesa do jantar diante dele; sua alma já não tinha mais desejo de comida, mas ele parecia ter sede e bebeu com prazer.

5 Como o mesmo se passou no dia seguinte e no dia depois desse, Ciro chamou os seus filhos, pois por acaso eles o tinham acompanhado e estavam na Pérsia. Ele convocou também

os amigos e os magistrados persas; quando estavam todos presentes, passou a lhes dizer o seguinte:

6 “Meus filhos e todos aqui presentes, o fim da minha vida já está próximo; posso reconhecer esse fato claramente por muitas razões. Quando eu estiver morto, vocês devem me tratar como um homem feliz, tanto em palavras quanto em ações. Acho que, quando era criança, desfrutei de tudo aquilo que julgamos ser bom para as crianças; uma vez que me tornei um jovem, do que é bom para os rapazes; quando adulto, do que é bom para os homens. Com o passar do tempo, creio ter observado meu poder aumentar continuamente, de modo que não percebi a minha velhice se tornar mais frágil do que fora a minha juventude, e não sei de nenhuma iniciativa minha, nem de nenhum desejo meu, que não tenham se cumprido.

7 “Vi ainda meus amigos se tornarem felizes por minha causa, enquanto meus inimigos foram por mim escravizados. Meu país, que antes era um país qualquer na Ásia, agora deixo como o mais glorioso dos países. De tudo que conquistei, não há nada que eu não tenha preservado. Nos tempos passados, agi em conformidade ao que eu professava, mas porque sempre me acompanhou um temor, o de que eu, em momento futuro, pudesse ver, ouvir ou sofrer algo ruim; foi esse temor que não permitiu que eu me tornasse um grande presunçoso ou que fosse extravagante na minha alegria.

8 “Agora, se eu morrer, deixo vocês, filhos que os deuses me concederam, com vida; deixo meu país e meus amigos felizes.

9 “Como poderei não obter a fama imortal e justa de ter sido um homem feliz?

“Mas devo também deixar esclarecida a questão da sucessão, para que eu não lhes cause problemas com a disputa. Tenho amor por ambos vocês igualmente, meus filhos, mas para ter precedência nas decisões e para governar de acordo com que a situação demandar, indico o meu primogênito que, como é natural, é também mais experiente.

10 “Eu próprio fui educado por este país, que é tanto meu quanto de vocês, a ceder a preferência não só aos meus irmãos,

mas também aos cidadãos mais velhos, no passo, nos assentos e nos discursos. A vocês, meus filhos, eduquei desde o início para que vocês honrassem os mais velhos e para que recebessem honras dos mais jovens. Portanto, é como algo antigo, costumeiro e estabelecido pela lei que vocês devem aceitar o que estou dizendo.

11 “Então, você, Cambises, fique com o meu reinado, concedido a você tanto pelos deuses quanto por mim, na medida em que ele me pertence. Quanto a você, Tanaoxares, dou a satrapia da Média, da Armênia e uma terceira, da Cadúsia. Ao lhe conceder essas satrapias, julgo que deixo ao seu irmão mais velho maior poder e o título de rei, mas a você deixo uma felicidade mais livre de dores.

12 “Não consigo ver que prazer humano lhe será insuficiente, pois você terá à disposição tudo aquilo que acreditamos trazer alegria aos homens. Porém, desejar aquilo que é difícil de realizar, ter muitas preocupações, não poder se sentir tranquilo por se ver desafiado pelos meus feitos; conspirar e ser alvo de conspiração; essas são as coisas que necessariamente acompanharão o rei mais do que a você — e tenha certeza de que elas causam muitas perturbações ao contentamento.

13 “Saiba também, Cambises, que não é este cetro de ouro que preserva o poder real, mas os amigos confiáveis são o cetro mais verdadeiro e mais seguro que um rei pode ter. Não julgue, contudo, que os homens já nascem naturalmente confiáveis, pois nesse caso todos considerariam os mesmos homens confiáveis, assim como outros aspectos naturais parecem ser os mesmos para todos. Cada um deve obter para si homens de confiança e sua aquisição desses amigos não é feita de modo algum pela violência, mas pelo bem que se faz a eles.

14 “Se, portanto, você tentar fazer de outros homens coguardiães do seu poder, não comece senão por aquele que compartilha com você a mesma origem. Os cidadãos de uma mesma cidade são mais próximos entre si do que de homens de outros lugares e aqueles que compartilham a mesa são mais próximos entre si do que de homens de tendas separadas; mas aqueles que nascem da mesma semente, são criados pela mesma

mãe, crescem na mesma casa, são amados pelos mesmos pais e que se dirigem às mesmas pessoas como mãe e pai — como poderiam eles não ser mais próximos um do outro do que de todos os demais homens?

15 “Não tornem vãos, portanto, esses bens que os deuses apontam para criar intimidade entre irmãos, mas sobre eles edifiquem desde já ainda outras obras de amor e, assim, o amor de vocês será sempre insuperável por outros homens. Certamente que cuida de si próprio aquele que se preocupa com um irmão, pois a que outra pessoa um homem poderoso é motivo de honra tanto quanto o é para seu irmão? Que outro homem alguém pode ter mais medo de prejudicar do que aquele que tem um irmão poderoso?”

16 “Que ninguém, portanto, seja mais prontamente obediente a ele do que você, e que ninguém se apresente com mais disposição, pois seja a situação dele boa, seja ela terrível, não há outra pessoa a quem ela esteja mais intimamente relacionada do que a você. Considere também estas outras questões: ao ter gratidão a que outro homem, que não a ele, você poderia esperar obter maiores vantagens? Socorrendo a que outro homem você receberia em troca um aliado mais forte? A quem é mais vergonhoso não amar do que a um irmão? Quem dentre todos os homens é mais belo honrar em primeiro lugar senão a um irmão? Somente quando um irmão põe seu próprio irmão à frente de todos os homens, Cambises, não pode a inveja deles atingi-lo.

17 “Pelos deuses ancestrais, meus filhos, honrem um ao outro, se vocês ainda consideram de alguma importância me agradar, pois com certeza há um ponto, creio eu, que vocês não sabem com clareza: se não existirei mais quando tiver completado minha vida humana, já que até hoje vocês nunca viram a minha alma, mas só constatarem sua existência pelos feitos que realizei.

18 “Vocês alguma vez já observaram que terrores as almas dos que foram vítimas de injustiças lançam aos homens que derramaram seu sangue? Que divindades vingadoras elas enviam aos que cometem atos ímpios? Vocês acreditam que ainda prestaríamos honras aos mortos, caso suas almas não tivessem poder sobre nada?”

19 “Quanto a mim, meus filhos, é certo que jamais fui persuadido de que a alma vive apenas enquanto num corpo mortal e que está morta quando livre dele, pois vejo que é a alma que permite aos corpos mortais ter vida durante o período em que está dentro deles.

20 “Que a alma possa se tornar inconsciente justamente quando separada do corpo inconsciente, isso é algo de que também não estou convencido; mas quando a mente, absoluta e pura, é libertada, é provável que ela então esteja no seu estado de maior consciência. Está claro que, quando um homem morre, cada parte do corpo vai em direção ao que é de origem comum, com exceção da alma: apenas ela não pode ser vista nem quando está presente, nem quanto ausente.

21 “Considerem que não há nada mais próximo da morte do que o sono dentre as coisas humanas; mas a alma do homem pode ser então vista no seu aspecto mais divino, acredito eu, e tem também alguma antevisão do porvir, pois é nesse momento que ela parece estar no seu estado mais livre.

22 “Se as coisas, portanto, acontecem da forma como estou imaginando e a alma abandona o corpo, façam aquilo que peço por respeito à minha alma. Se não acontecem, mas a alma permanece no corpo e morre junto com ele, então, pelos deuses eternos, que tudo veem e tudo podem, que mantêm toda essa ordem do universo intacta, sem idade, infalível, indescritível em beleza e magnitude, por temor aos deuses, nunca façam nem planejem nada de ímpio nem de sacrílego.

23 “Depois dos deuses, tenham respeito também por toda a raça dos humanos que se sucedem continuamente, pois os deuses não escondem vocês nas sombras, mas os seus feitos serão sempre forçados a existir à vista de todos e, caso eles pareçam puros e isentos de injustiças, serão entre todos os homens uma exibição da força que vocês possuem. No entanto, caso vocês concebam alguma injustiça um contra o outro, estarão aos olhos de todos homens desprezando o merecimento de sua confiança, pois ninguém será capaz de acreditar em vocês, nem que o deseje

muito, ao ver qualquer um dos dois prejudicar o homem por quem mais deveria sentir afeição.

24 “Ora, se estou lhes ensinando suficientemente sobre como vocês devem se comportar com relação um ao outro, muito bem; mas, se não estou, aprendam com os acontecimentos passados, pois são eles que constituem as melhores lições. A maior parte dos pais passou a vida como amigos dos filhos e a maioria dos irmãos, como amigos dos irmãos; mas alguns deles também agiram de forma oposta. Assim, entre essas possibilidades, escolham ações que vocês percebam como mais benéficas e vocês estarão tomando a decisão correta.

25 “E talvez agora já baste desse assunto. Quanto ao meu corpo, filhos, quando eu morrer, não o ponham dentro de ouro nem de prata nem de nada disso, mas me devolvam à terra o mais rápido possível. Que felicidade maior pode haver do que estar unido à terra, que faz nascer e nutre tudo o que é belo e tudo o que é bom? Eu também fui amigo dos homens à minha maneira e agora creio que com prazer me tornarei parte dessa benfeitora da humanidade.

26 “Digo isso”, ele continuou, “pois minha alma parece estar se retirando agora, saindo daquele mesmo ponto de onde a alma de todos os homens, ao que parece, começa a partir. Se, então, algum de vocês quiser apertar a minha mão ou deseja olhar nos meus olhos enquanto estou vivo, que se aproxime; depois que eu tiver me coberto, peço a vocês, meus filhos, que nenhum homem veja o meu corpo, nem mesmo vocês.

27 “Convidem, no entanto, todos os persas e nossos aliados para comparecer diante da minha tumba, para que comigo se alegrem, uma vez que estarei então em segurança e não sofrerei mais nenhum mal, estando eu na companhia dos deuses ou já não existindo de todo. Enviem de volta cada um que comparecer apenas depois de ter feito todas as cortesias habituais em honra de um homem feliz.

28 “E lembrem também de uma última palavra minha: que se vocês fizerem bem aos seus amigos também poderão punir seus inimigos. Adeus, meus filhos amados, reportem o meu adeus à

Calíope: Presença Clássica | 2021.1 . Ano XXXVIII . Número 41 (*separata 10*)

mãe de vocês. Adeus, todos os meus amigos, tanto os que estão agora ao meu lado quanto os ausentes”. Depois dessas palavras, ele apertou a mão de todos, cobriu-se e assim faleceu.

ABSTRACT

We present, preceded by a very brief introductory discussion, the translation of selected passages from Xenophon's *Cyropaedia*, in which the theme is the happy life (*eudaimonía*). There are three distinctly fortunate lives portrayed by Xenophon: the one of the Lydian king Croesus (VII, 2.9-20), the Persian Pheraulas's (VIII, 3.35-50) and, finally, the one of Cyrus the Great himself (VIII, 7).

KEYWORDS

Xenophon, *Cyropaedia*, translation, *eudaimonía*, happiness

REFERÊNCIAS

- DANZIG, G. HOBDEN, F., TUPLIN, C (Eds.). **Xenophon**: Ethical Principles and History Enquiry. Leiden; Boston: Brill, 2012.
- DORION, L. A. La responsabilité de Cyrus dans le déclin de l'empire Perse selon Platon et Xénophon. **Revue Française d'Histoire des Idées Politiques**, 2002, n. 16, p. 369-386.
- GERA, D.L. **Xenophon's Cyropaedia**: Style, Genre, and Literary Technique. New York: Oxford University Press, 1993.
- GRAY, V. **Xenophon's Mirror of Princes**: Reading the Reflections. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011.
- _____. Xenophon's Eudaimonía. In: de LUISE, F.; STAVRU, A. (Eds.). **Socratica III**: Studies on Socrates, the Socratics, and the Ancient Socratic Literature. Sankt Augustin: Academia Verlag, p. 56-67.
- HENDERSON, J. Pheraulas Is the Answer, What Was the Question? (You Cannot Be Cyrus). In: HOBDEN, F.; TUPLIN, C (ed.). **Xenophon**: Ethical Principles and History Enquiry. Leiden; Boston: Brill, 2012, p. 541-562.
- IRWIN, E. To whom does Solon speak?: Conceptions of Happiness and Ending Life Well in the Later Fifth Century (Hdt. 1.29-33). In: GEUS, K.; IRWIN, E.; POISS, T. (Ed.). **Wege des Erzählens**: Logos und Topos bei Herodot. Frankfurt: Peter Lang, 2013. p. 261-321.
- _____. Debating the Happiness of Periclean Athens: from Herodotus' Solon to its Legacy in Aristotle. **Acta Classica**: Proceedings of the Classical Association of South Africa, 2017, vol. 2017, sup. 6, p. 1-41.
- LEÃO, D. Sólon e Creso: fases de evolução de um paradigma. **Hvmanitas**, 2000, vol. LII, p. 27-52.
- LEFÈVRE, E. The Question of the Good Life: the Meeting of Cyrus and Croesus in Xenophon. In: GRAY, V. (Ed.). **Xenophon**: Oxford Readings in Classical Studies. New York: Oxford University Press, 2010. p. 401-417. (original de 1971).
- NADON, C. **Xenophon's Prince**. Republic and Empire in the Cyropaedia. Berkeley: University of California Press, 2001.
- SANCISI-WEERDENBURG, H. The Death of Cyrus: Xenophon's Cyropaedia as a Source for Iranian History. In: GRAY, V. (Ed.). **Xenophon**: Oxford Readings in Classical Studies. New York: Oxford University press, 2010. p. 439-455.
- TATUM, J. **Xenophon's Imperial Fiction**: on the Education of Cyrus. New Jersey: Princeton, 1989.
- XÉNOPHON. **Cyropédie**: tomes I et II. Texte Établi et traduit par BIZOS, M. Paris: Les Belles Lettres, 2010 (tome I, primeira impressão de 1971) e 2003 (tome II, primeira impressão de 1973).
- _____. **Cyropédie**: tome III. Texte Établi et traduit par DELEBECQUE, E. Paris: Les Belles Lettres, 2003. (primeira impressão de 1978).

¹Minha tradução integral da *Ciropédia* está em vias de publicação, pela Editora Fósforo. Agradeço à FAPESP pelo financiamento do projeto de pesquisa que resultou nesse trabalho, no qual foi utilizada a edição de DELEBECQUE para o terceiro tomo da obra na coleção Les Belles-Lettres. Agradeço, também, a Daniel Rossi Nunes Lopes, Rafael Brunhara e Camila Zanon pelas sugestões.

²Cf. a discussão de IRWIN (2013 e 2017) sobre como o tema da *eudaimonía* pode ser lido em relação à política da Atenas clássica e GRAY (2013), que analisa brevemente como o conceito xenofontiano de *eudaimonía* ajuda a entender sua narrativa da guerra civil que ocorre em Atenas após a ascensão dos Trinta Tiranos.

³Ainda que as “perverse readings”, para usar expressão de GRAY (2011), da *Ciropédia* procurem revelar, no comportamento de Ciro, graves falhas morais escondidas sob uma narrativa falsamente encomiástica, tendo a concordar com leituras recentes de que o retrato se pretende antes positivo do que negativo. Para o primeiro tipo de leitura, exemplos são TATUM (1989) e NADON (2001). No segundo caso, DANZIG (2012) e GRAY (2011).

⁴Cf. LEÃO, 2000.

⁵LEFÈVRE, 2010 (original de 1971).

⁶Cf. TATUM, 1989, p. 146ss.

⁷Cf. GERA, 1993, p. 268.

⁸LEFÈVRE, 2010, p. 413.

⁹Cf. *Ciropédia*, VII, 4.74, em que a fala de Ciro parece corroborar a ideia de que ele veria a vida feliz de Cresos com certo desdém.

¹⁰TATUM, 1989, p. 150-151.

¹¹LEFÈVRE, 2010, p. 414: “*To be sure that is a way of life that Xenophon would feel to be unworthy of Cyrus, but hardly - and that is the second point we must consider - of Croesus. He cannot be seriously compared with Cyrus, however superior he may be to the rest of humanity, as the comparison has shown: he is already utterly inferior to him by birth, and by nature too (7. 2. 24); what befits him is different from what befits Cyrus. What for Cyrus is a reproach may still be an honour for others*”.

¹²GRAY, 2011, p. 154.

¹³Idem, 2013, p. 61.

¹⁴Cf. GRAY, 2013. Essa é uma tese que encontra desenvolvimento mais longo por Xenofonte na obra *Hieron*, que tem o objetivo de demonstrar que a felicidade de um líder está assentada na disposição livre dos seus seguidores. É apenas beneficiando os súditos e conquistando a sua amizade que o líder pode ter algum prazer e sentir menos medo.

¹⁵Cf. *Ciropédia*, VIII, 1.13, em que se mostra como Ciro decidiu delegar as tarefas de administração dos seus bens para que pudesse ter tempo para si e aconselhou os homens da corte a fazer o mesmo.

¹⁶HENDERSON, 2012, p. 546.

¹⁷TATUM, 1989, p. 209-212.

¹⁸Cf. SANCISI-WEERDENBURG, 2010 (original de 1985).

¹⁹TATUM, 1989, p. 211.

²⁰Cf. DORION, 2002.

²¹Referência ao sistema educacional persa como apresentado no livro I.